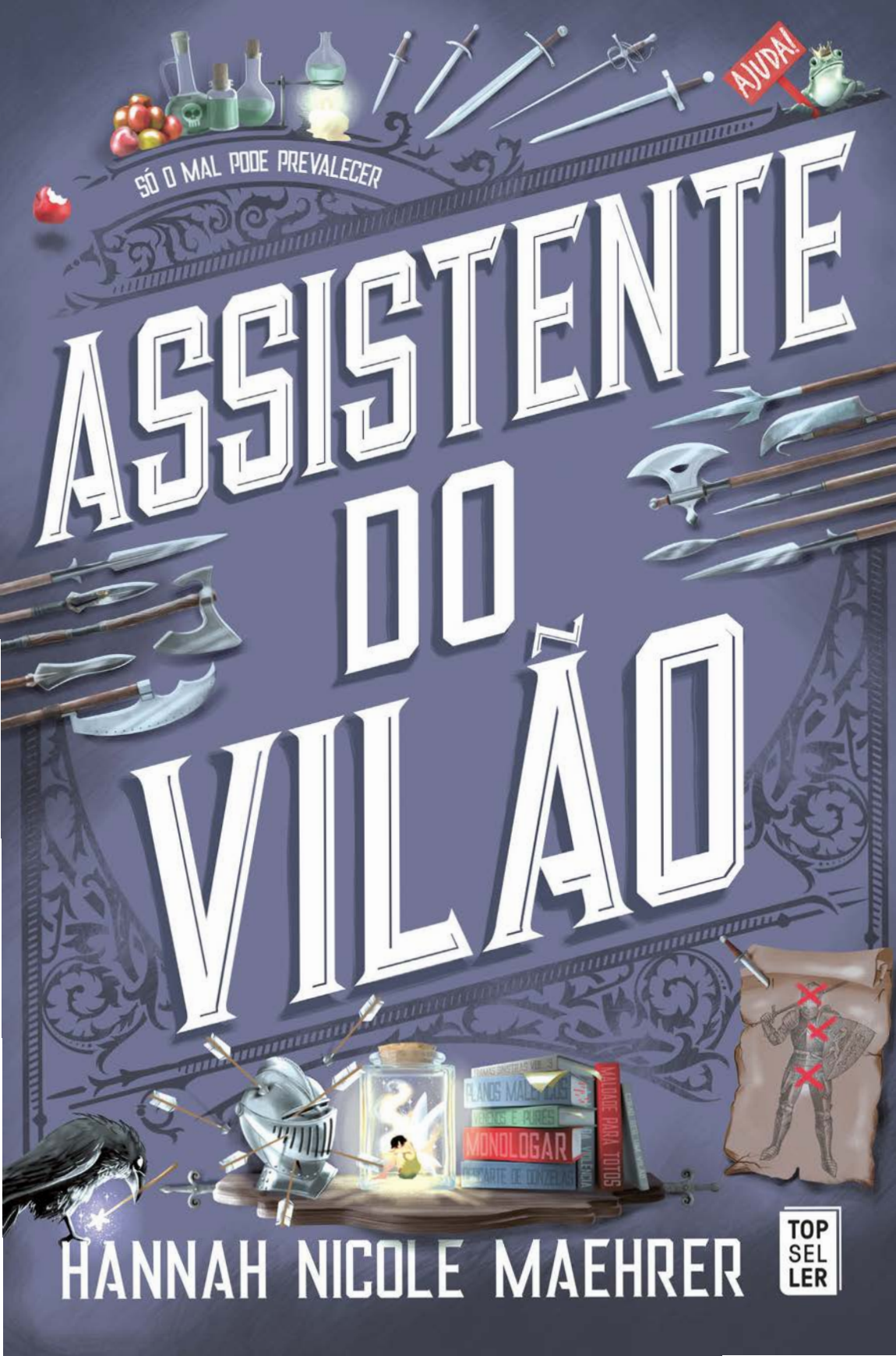


SÓ O MAL PODE PREVALECER

ASSISTENTE DO VILÃO

AJUDA!



HANNAH NICOLE MAEHRER

TOP
SEL
LER

*À minha mãe e ao meu pai,
pelas horas que passaram na minha infância a contar-me histórias
e pelos anos que passaram a ouvir as minhas.
Confesso que as vossas serão sempre as minhas favoritas.*

*E a todos vós,
é assim que imagino a assistente pessoal
de um vilão de fantasia moralmente ambíguo.*

RENNEDAWN

PUXAR
FOGO

ATACAR!

IDEIA PARA ALMOÇO
SUSHI DE SEREIA!

LISTA DE
AFAZERES MALÉFICOS:

- ROUBAR SINAIS
DE TRÂNSITO
- RAPTA DONZELAS
- LOUCURA
- CAOS



ZONA DE CAÇA
DE UNICÓRNIOS



FLORESTA DAS NOGUEIRAS



ENVENENAR
O POÇO
DA ALDEIA



CAVERNA
DO FOFINHO



V L A



PRÓLOGO

Era uma vez...

Era um dia normal quando Evie conheceu O Vilão. Mais uma tentativa falhada nas feiras de emprego da aldeia. Mais um dia sem qualquer fonte de rendimento. Mais um dia a desiludir o pai doente e a irmã mais nova. E, por isso, Evie estava bastante distraída quando se dirigiu para as árvores que se alinhavam como uma vedação na orla da Floresta das Nogueiras — e entrou.

A floresta tinha sido outrora bastante povoada, mas agora era o último sítio por onde alguém com bom senso escolheria vaguear. Especialmente sozinho. Bem, a não ser que o seu nome fosse Evangelina Sage e uma floresta proibida parecesse muito mais convidativa do que ir para casa e admitir à família que tinha finalmente encontrado um emprego... e tinha abdicado dele.

Evie suspirou, estendendo a mão para deixar que os dedos percorressem a casca áspera de várias árvores próximas enquanto passava por elas. A floresta era realmente muito bonita.

Sendo o reino de Rennedawn um dos mais modestos entre os reinos encantados, era complicado evitar a Floresta das Nogueiras — que ocupava grande parte do seu território. Ainda assim, os seus habitantes tinham conseguido ser bem-sucedidos, até agora.

Era assim há quase dez anos, desde o aparecimento de uma figura sombria conhecida como O Vilão. Havia rumores de que ele se escondia perto da orla da floresta para raptar as suas vítimas, que torturava.

Por pouco que soubesse sobre aquela figura diabólica, Evie podia apostar que ele teria coisas mais importantes para fazer do que andar a espreitar atrás das árvores, como um duende da floresta. Embora também nunca tivesse visto nenhum — eles costumavam viver mais a norte.

— O Vilão — zombou Evie, embrenhando-se mais por entre as árvores e enfiando as mãos nos bolsos fundos do seu simples vestido castanho. — Talvez ele não fosse tão homicida se não tivesse uma alcunha tão ridícula.

A não ser, claro, que o nome lhe tivesse sido atribuído à nascença, caso em que Evie aplaudiria a mãe dele pela incrível clarividência.

Evie tropeçou num ramo perdido e tirou as mãos dos bolsos para se amparar numa árvore próxima, e depois caminhou em direção aos sons murmurantes de um riacho.

Enquanto caminhava, analisou os poucos conhecimentos que tinha sobre o homem, a maior parte dos quais tinha obtido em cartazes mal desenhados de PROCURADO. Neles, ele era sempre retratado como sendo mais velho, com uma barba grisalha interrompida por grandes cicatrizes que lhe desciam pelo rosto, resultantes das lutas com as suas vítimas, e os seus dentes eram muitas vezes irregulares, como se nos pudesse arrancar o coração com eles — ou talvez precisasse de ir ao dentista.

Tantos rumores sobre o maior inimigo do reino tinham corrido por aquelas terras que Evie não sabia bem em que acreditar. Sabia que O Vilão tinha incendiado uma das aldeias piscatórias de Rennedawn Ocidental há anos. Durante meses, o reino tinha sido devastado pela fome após a perda da pesca, mas conseguira recuperar. E havia muitas outras histórias de horror. Pequenos furtos também pareciam fazer parte da lista de afazeres do Vilão, que muitas vezes assaltava casas nobres, assustando as famílias e fingindo com as suas preciosas heranças.

Ao aproximar-se lentamente do riacho — mais largo do que ela achava que seria —, Evie ficou maravilhada com a beleza dos raios de sol que se infiltravam por entre as frestas das árvores, dando às flores que o ladeavam um brilho etéreo.

Por momentos, quase se esqueceu da sua situação, pois aquela visão era deslumbrante. Mas depressa tudo lhe veio à mente.

O pai ainda não sabia que ela tinha perdido o emprego no ferreiro no mês passado. Ela tinha a certeza de que conseguiria encontrar outra coisa antes que a família notasse que a mesa estava um pouco mais vazia ao jantar ou que a pequena casa de campo estava mais fria por falta de lenha. Mas teria de lho dizer esta noite. As escassas reservas de alimentos estavam quase no fim.

Com um suspiro pesado, ajoelhou-se na margem do riacho, afundando os joelhos no musgo esponjoso. Passou as mãos pela água azul e límpida, e depois salpicou um pouco do líquido fresco no rosto e no pescoço, na esperança de acalmar o coração acelerado.

Desta vez, estava metida em sarilhos. E não era por causa de um vilão mítico.

Não. Ela tinha feito isto a si própria.

O pior é que quase lhe tinham dado uma boa posição. Na feira desta manhã, tinham-lhe oferecido o único lugar de criada de uma família nobre numa propriedade não muito longe da aldeia. Não era o ideal, por causa da distância, mas ela estava disposta a aceitar de bom grado. Até que, claro, Evie se virou e viu outra mulher ao seu lado com tanta esperança nos olhos sorridentes que o coração se lhe apertou no peito. Especialmente depois de ver três crianças de pé atrás da mulher.

Evie entregou-lhe a oferta de emprego e a mulher agarrou-a e a beijou-a em ambas as faces, radiante.

Eu fiz a coisa certa. Então porque é que sinto que o meu peito vai desabar?

Suspirando e salpicando mais um pouco de água vermelha na cara, começou a fazer uma lista das outras feiras de emprego que se aproximavam. Talvez pudesse ir até uma das aldeias vizinh...

Espera... *Vermelha?!*

Evie ofegou e recuou para as flores, arregalando os olhos de horror, ao constatar que a água azul, outrora límpida, estava agora turvada por uma cor carmesim profunda.

Sangue.

Fechou os olhos e tentou estabilizar a respiração. Depois de contar até dez, pôs-se de pé, quase tropeçando na bainha do seu vestido comprido, e avançou lentamente em direção à água. Era evidente que o sangue vinha de um ponto mais acima no riacho.

Deu um passo nessa direção, colocando uma bota de couro à frente da outra, totalmente desprevenida para o que poderia encontrar.

O riacho começava a assemelhar-se a um rio de sangue à medida que ela subia: o vermelho opaco ia engolindo qualquer réstia de azul. Tinha de ser um animal ferido, e um animal grande, pela quantidade de sangue. Certamente não era algo que justificasse a investigação pessoal de Evie.

No entanto, ali estava ela, na floresta que ficava subitamente mais escura à medida que o sol começava a esconder-se atrás das árvores... a seguir um rio de sangue.

Abanando a cabeça, sentiu as plantas serem esmagadas sob os seus pés enquanto se imobilizava. Ia virar-se. Na verdade, o seu corpo já estava meio virado quando avistou um animal de pelo preto encolhido e ligeiramente escondido entre a erva alta que rodeava o ribeiro e uma árvore gigante.

Fosse qual fosse o tipo de criatura, estava viva — chegavam até si gemidos e sons abafados de dor, vindos da sua direção. Evie agachou-se e levantou suavemente a saia para alcançar a pequena lâmina que guardava para emergências numa bainha à volta do tornozelo.

Iria acabar com o sofrimento do pobre animal. Esse tipo de bondade não era um fardo. Mas quanto mais se aproximava, menos aquilo parecia uma criatura. Quase parecia...

Uma mão humana saiu de debaixo do pelo preto, que ela agora via não ser realmente pelo, mas sim um manto escuro. A mão agarrou um dos seus pulsos, puxando-a para junto de si.

— Ufa!

Evie caiu com força no chão, com o ombro a embater no piso da floresta, enquanto um braço lhe rodeava a cintura e a puxava contra o seu corpo. Ficou deitada de lado, com as costas contra algo sólido e quente atrás de si — e foi aí que o seu bom senso a fez começar a contorcer-se e a gritar.

O braço à volta da sua cintura apertou-se mais e uma mão fechou-se sobre os seus lábios. Uma voz baixa estava no seu ouvido, causando-lhe arrepios por todo o corpo.

— Está calado, pequeno ouriço, ou ainda nos matas aos dois.

E foi então que Evie viu outra figura sinistra do outro lado do caminho — várias, na verdade. Homens vestidos de prateado. Transportando

armas muito grandes, algumas delas brilhantes. *Os Guardas Valentes do rei!*

Ela debateu-se contra a mão, mas o homem prendeu-a contra ele com o outro braço e enrolou uma perna pesada sobre os seus tornozelos, mantendo-a imóvel.

— Dexme. — Tinha deixado cair a faca na refrega, e tateava a relva com o braço livre, à sua procura.

— Relaxa — ordenou ele novamente.

Pois. Isso ia mesmo acontecer, tendo em conta que um homem estranho, que era com certeza quem aqueles homens estavam a caçar, a mantinha presa ao chão. Mas a culpa era dela, não era? Ela tinha seguido um rio de sangue — o que mais ela achava que ia acontecer?

— Zou mesmo perva. — Evie deu um suspiro longo e profundo.

De repente, a mão desapareceu da sua boca e a voz estava de novo no seu ouvido.

— O que é que estás a murmurar?

— Isto está sempre a acontecer-me — sussurrou ela.

— Ser puxada para o chão por um estranho? — perguntou ele num tom suspeitamente curioso.

— Bem, não *exatamente* esta situação. Mas se eu contasse a alguém como vim aqui parar, ninguém o acharia estranho. — Ela espetou-lhe o cotovelo nas costelas, fazendo com que o seu captor praguejasse e grunhisse. — Oh, desculpe. Isso doeu? — Repetiu o gesto, vincando o seu ponto de vista.

— Basta! — sibilou ele antes de apontar uma mão bronzeada para os homens que procuravam nas árvores do outro lado do riacho. — Aqueles homens não querem saber se és uma inocente que tropeçou nos braços de um demónio. Não hesitarão em matar-te e vão fazê-lo com um sorriso nos lábios.

— Um demónio?

Evie riu-se baixinho, tentando virar o corpo para ver aquele homem com tanta autoestima, mas os braços dele apertaram-se à volta dela mais uma vez, mantendo-a no lugar.

— Sabes quem eu sou, não sabes? — perguntou ele, sem ponta de arrogância. E, no entanto, a casualidade com que ele *sabia* que a sua reputação o precedia fez o estômago de Evie dar cambalhotas.

Já lhe tinham chamado muitas coisas depreciativas na vida. Surpreendentemente, todas elas começavam com a letra L. Lunática, louca, lastimável e, por uma estranha reviravolta dos acontecimentos, podia finalmente acrescentar o último L.

Lixada.

Ela sabia. Ela não sabia como sabia, mas sabia.

O Vilão, Rei das Trevas, Assombrador de Sonhos, tinha os braços à volta dela. Pior ainda, ela não estava com tanto medo quanto deveria. Na verdade, ela não tinha medo nenhum, mas sim...

Oh, meu Deus. Ela estava a *rir-se*?

Estava. Não conseguia evitar e, se fizesse mais barulho, aqueles homens estariam aqui em segundos. O Vilão pareceu sentir isso também, porque em menos de nada a mão dele tapou-lhe outra vez a boca.

— Vamos rastejar lentamente para trás daquela árvore. — Puxou Evie para cima para lhe dar a ver o grande carvalho em questão. — E depois vamos correr.

— Nós? — perguntou ela, quando de repente foi virada e empurrada na direção da árvore. Não havia tempo para discussões, por isso, conforme as instruções, manteve-se agachada e rastejou até ficar encostada em segurança ao outro lado do tronco. Respirando pesadamente e assustada por ver sangue na parte de trás do braço, Evie virou-se para ver se O Vilão ainda lá estava.

Não estava.

— Onde é que ele...

— Aqui.

Evie girou na direção da voz dele, atónita.

— Como é que... — Mas as suas palavras foram interrompidas quando o viu.

Em sua defesa, havia muito para assimilar.

O seu primeiro pensamento foi que os cartazes de PROCURADO estavam errados. Este não era um homem mais velho, com cicatrizes e barba grisalha. Na verdade, também não havia grisalho no seu cabelo espesso e escuro. Tinha as maçãs do rosto altas, por cima da barba de dois dias que cobria um maxilar muito forte. Achava que ele não devia ser mais do que seis ou sete anos mais velho do que ela. Se tivesse de adivinhar, diria que ele não tinha mais do que... 28, 29 anos? Mas isso

não podia estar certo. Tinha de haver uma regra algures que dissesse que os senhores do mal tinham de ter pelo menos 50 anos, talvez 60, no máximo.

Mas não podiam ser jovens! E sobretudo, ainda mais desastrosamente, bonitos.

Ele era, no entanto: bonito. Tinha pele macia, bronzeada. Como se passasse o tempo livre em que não estava a aterrorizar pessoas deitado na relva, talvez a beber delicadamente uma chávena de chá e a ler poesia com o mindinho levantado.

A ideia trouxe um riso histérico aos lábios de Evie. O Vilão ergueu uma das sobrancelhas perfeitamente espessas que emolduravam os olhos mais escuros que ela alguma vez vira. Olhos que a avaliavam, confusos. Parecia que ainda não tinha percebido que ela era outro ser humano vivo, que respirava, porque olhava para ela como se a sua própria existência fosse um mistério.

— Não devia ter esse aspeto — disse ela, e surpreendeu-se a si própria por quase achar que o olhar confuso dele era cativante.

Ele é um assassino! A sua consciência revoltou-se, mas o resto de si, a parte que não estava ligada ao seu cérebro muito sábio, achava-o demasiado bonito para se importar.

Dando um passo cuidadoso na direção dele, Evie tentou procurar dentro de si o medo que sabia estar lá. A qualquer momento, ela ficaria paralisada de medo e correria a gritar na direção oposta, mas ele estava à distância de um braço e ela ainda não se tinha virado.

Hum. Não tinha medo, mas sentia uma ligeira preocupação — um bom indicador de que não tinha perdido completamente o tino. Até que, claro, a sua ligeira preocupação foi toldada por pensamentos embaraçosos sobre o cheiro que ele teria se ela se aproximasse e o cheirasse.

— Há alguma coisa na minha cara... que te desagrada? Ou será que estou a sangrar de três feridas diferentes, cortesia dos homens da tua aldeia? — A voz dele era calma, e exteriormente parecia tranquilo, mas Evie conseguia ver uma fúria silenciosa por trás dos seus olhos escuros.

Será que ele pensava que ela o estava a julgar?

— Hum, sim... O sangue não tem muito bom aspeto, mas eu estava a referir-me ao facto de parecer esculpido em mármore, e acho que,

regra geral, as pessoas intrinsecamente más devem ter um aspeto grotesco.

A fúria desapareceu como se nunca tivesse existido, e a única reação dele foi pestanejar.

— Não pode matar pessoas e ser bonito. É confuso.

Evie começou a desenrolar o cachecol de lã que a irmã mais nova, Lyssa, lhe tinha dado no seu último aniversário, aproximou-se do Vilão e ergueu-o como um sinal de paz.

— Para o sangue, Vossa Maldade.

O Vilão pegou no cachecol com o punho fechado, enrolou-o à volta da cinta e apertou-o bem para estancar a hemorragia.

— Achas que sou *bonito*?

Estranhamente, Evie teve a sensação de que ele preferia que ela lhe tivesse chamado *grotesco*, pela forma como o seu rosto se contorceu de aversão.

— Não se trata de um cenário imaginário... é um facto. Olhe como as suas maçãs do rosto são simétricas.

Ela encurtou a distância entre eles e colocou as mãos de cada lado do rosto dele.

Os olhos dele arregalaram-se e os dela também quando se apercebeu do que estava a fazer.

— Estás a tocar-me na cara — disse ele sem rodeios.

— Sim...

— Estás contente com essa decisão? — Ele arqueou novamente uma sobrancelha negra.

Ele é um assassino profissional, certo? Talvez me mate agora, se eu pedir com jeitinho.

— Estava a tentar provar um ponto de vista. — Encolheu os ombros, deixando descair as mãos.

— Tu és o caos — disse ele, abanando a cabeça, com uma pequena dose de espanto nos olhos.

— Importa-se de escrever isso como uma referência de emprego? Teria emprego dentro de uma semana, e eu preciso desesperadamente de trabalho.

Antes que ele pudesse responder, um sussurro silencioso nos arbustos próximos eriçou-lhe cabelos da nuca.

Ela virou a cabeça na direção do barulho, e deu um passo cauteloso para perto do Vilão, que lhe agarrou os ombros com a rapidez de um relâmpago e a puxou para ele.

— O que...

Ela ouviu a flecha antes de a sentir.

A dor queimou-lhe a pele das costas quando a flecha passou pelos seus ombros e a fez cambalear contra a solidez do peito do Vilão.

— Isto doeu. — As palavras saíram-lhe com naturalidade, como se tivesse apenas uma farpa.

Tinham sido vistos, mas ainda não havia pânico na voz dele quando disse:

— Só te atingiu de raspão. Eu sei que dói, mas temos de fugir.

Ele virou-a rápida, mas delicadamente, e começaram a correr na outra direção. O Vilão coxeava ligeiramente devido aos ferimentos.

— Põe o teu braço à minha volta.

Ele estremeceu enquanto corriam à volta de várias árvores, com Evie um passo atrás.

— Porquê? — retorquiu ela, enquanto ele a puxava para mais perto.

— Está a andar tão devagar como eu!

Por momentos, um lampejo de diversão atravessou-lhe o rosto como uma estrela ardente, brilhante e bela, mas depois desapareceu para lá do horizonte.

— Estou a ir mais devagar para acompanhar o teu ritmo.

Foi então que Evie se apercebeu. Como tinha passado de filha de um açougueiro, desempregada, a ajudante e cúmplice do maior inimigo deste reino num espaço de tempo assustadoramente curto.

Santo Deus, talvez ela fosse o caos. Teria passado sequer meia hora?

O que sugeria uma questão muito delicada. Uma questão de que Evie não devia recordá-lo. Mas era tarde demais — o pensamento formou-se nos seus lábios antes que ela o pudesse empurrar para dentro.

— Porque é que se dá ao trabalho de me acompanhar? Podia facilmente deixar-me na poeira e aproveitar o tempo em que eles estão a lidar comigo para fugir.

Sim, Evangelina. Dá-lhe motivos para te deixar para trás e depois explica porque é que andavas com O Vilão. Assina a tua sentença de morte. Muito bem!

Ele olhou-a nos olhos por segundos, conseguindo mesmo assim desviar-se de uma flecha que passou a zunir sem quebrar o contacto visual. Evie ficou com inveja. Não conseguiria desviar-se de uma árvore morta nem mesmo olhando diretamente para ela.

— Que pensamento implacável, menina...?

Ela ficou satisfeita ao ouvir notas de cansaço por detrás das palavras dele. Ele não era um corredor hábil. Não era perfeito, não era invencível.

Estava, no entanto, a perguntar-lhe o nome.

— Evangelina Sage... ou apenas Evie.

Muito bem, talvez a voz dele estivesse um pouco cansada, mas a dela parecia ter passado por um ralador de queijo. Nunca tinha sido amiga de correr, e, acreditava, era inimiga mortal de correr *depressa*.

— Hum! — foi a única resposta dele, o que foi desconcertante, pois não revelou se iria seguir o seu conselho cruelmente bom e deixá-la para trás.

Era provável que alguns dos homens da aldeia a reconhecessem, mas as hipóteses de a deixarem viver, quando pareciam estar num estado tão sedento de sangue, eram diminutas. Especialmente tendo em conta que ela estava a fugir juntamente com a pessoa que eles estavam a caçar, que provavelmente estava prestes a atraí-la e a dá-la de comer aos lobos.

Claro que, como o universo estava contra ela, não precisou de esperar que ele o fizesse. Um ramo perdido, escondido por entre as silvas, sobressaiu apenas o suficiente para apanhar a ponta da bota dela, e depois ela caiu desajeitadamente por terra.

O som de mais vozes masculinas aproximava-se deles. Estavam lixados.

Ou melhor, ela estava lixada. O Vilão provavelmente levaria o seu cachecol de lã e cavalgaria, com o seu semblante maléfico, em direção ao pôr do sol. Do chão, ela olhou para a nuca dele. Para a forma clara e eficiente como o seu corpo se movia. Como se o mundo fosse feito para se curvar à sua vontade.

Viu aquela cabeça ridiculamente perfeita virar-se para o lugar vazio ao lado dele e depois voltar para onde ela estava, indefesa, esparramada no chão. Doíam-lhe as costas, doía-lhe o ombro. E além disso uma

grande nódoa negra tinha-se formado depois de ter batido no chão pela segunda vez nesse dia.

As vozes aproximavam-se e pareciam zangadas. Evie tentou pôr-se de pé para, pelo menos, encontrar um esconderijo. Mas uma mão familiar apareceu à sua frente e ela agarrou-a, apesar do choque ter anulado a sua capacidade de decisão.

— Cais muitas vezes — disse O Vilão, olhando-a de alto a baixo, parecendo catalogar o facto como se estivesse a fazer uma descoberta científica. — Vamos embora, Sage.

Ignorando a formalidade no uso do seu sobrenome, ela esbravejou:

— A primeira vez que caí, foi porque me puxou para baixo!

Ela agarrou-se ao braço que ele lhe oferecia para se apoiar e afastaram-se dos seus perseguidores o mais depressa que puderam.

— Mas tu caíste muito facilmente. Eu mal te puxei.

— Como é que pode estar a culpar-me por não ser suficientemente forte para contrariar alguém que me *puxa* pelo pulso?

Ele não se dignou responder, apenas a agarrou com mais força enquanto corriam pela floresta como um par de bandidos. O cenário de árvores intermináveis começou a ganhar um tom mais escuro. Não só por causa da luz do sol que se esvaía rapidamente, mas a cor das árvores era diferente a esta distância. Os troncos e ramos compridos e retorcidos tinham folhas deformadas, de uma cor de musgo exuberante, e o guincho agudo de pássaros estranhos enchia o ar denso, provocando arrepios profundos e inquietantes.

— Para onde é que vamos? — perguntou ela hesitantemente.

A pouca luz que restava no céu pareceu desaparecer em segundos, e a noite cobriu-os como um cobertor indesejável. Bem, indesejável para ela, pelo menos. O Vilão olhou em volta para a escuridão e, pela primeira vez desde que o encontrara, ela viu um brilho verdadeiramente perverso nos seus olhos.

Ele pertencia a isso, à noite, à escuridão. Era dele.

E Evie... continuava a não ter medo.

Tão incrivelmente estranho.

— Para segurança. Para a minha casa e para onde conduzo os meus negócios.

Evie tentou soltar o braço do dele e virar-se na outra direção.

— Segurança? Num lugar que o povo apelidou de Mansão do Massacre? Eu estou bem, obrigada. Vou arriscar com os brutos da aldeia.

O braço dele cingia o dela como um gancho de aço, impedindo-a de se mexer. Era como se estivessem soldados um ao outro.

— Se eu te quisesse morta, tinha-te deixado lá atrás.

Ela arqueou uma sobrancelha. Estavam a andar a um ritmo muito mais lento do que antes, e o zumbido surdo das vozes que os perseguiam ia desaparecendo.

Tinham-nos despistado. Por enquanto. A segurança que isso representava fez com que a curiosidade inapropriada de Evie levasse a melhor sobre ela.

— Porque é que estavam a persegui-lo? — perguntou, inclinando a cabeça para ele e para a bolsa que ele segurava ao lado do corpo. — Roubou alguma coisa? Armas? Dinheiro? O filho primogénito de alguém?

O Vilão parou por momentos, e Evie gritou quando a bolsa se moveu. Antes que ela pudesse protestar, O Vilão enfiou a mão dentro dela e tirou de lá um sapo maior do que o normal, tão verde que quase se confundia com os seus olhos dourados. Estava sentado pacificamente na mão do Vilão, a olhar para ela. Ela olhou para ele também.

— O sapo está a usar uma coroa? — perguntou Evie após alguns instantes de análise silenciosa.

O Vilão ignorou a pergunta, e elevou um pouco mais o sapo na sua mão.

— Não vou negar que o roubo é uma das minhas melhores virtudes. No entanto, neste caso, aqueles homens estavam a tentar roubar-me a *mim*.

Os pontos estavam a ligar-se, mas de uma forma tão estranha que Evie não compreendia.

— Roubar-lhe... um *sapo*... que está a usar uma *coroa*?

O Vilão virou-se e continuou a andar, e Evie seguiu-o em silêncio.

— Não é um sapo qualquer — argumentou ele. — Ele consegue... compreender e comunicar com os humanos tão bem como se fosse um de nós.

O sapo soltou um coaxar saudável como se quisesse demonstrar as suas excelentes capacidades de comunicação, mas O Vilão ignorou-o.

— E está ao *meu* cuidado. — As palavras picaram a pele de Evie como um aviso. — Os animais mágicos são leiloados por muito dinheiro.

Os homens da tua aldeia acharam que seria prudente descobrir quanto lhes custaria roubá-lo no meu passeio diário.

Evie arfou de horror.

— E a coroa é porque...?

O Vilão fez uma pausa, aproximando a mão que segurava o sapo de Evie, como se a razão fosse óbvia.

— O nome dele é *Kingsley*.

Evie pestanejou por instantes.

— Está a falar a sério?

— Tenho ar de quem está a brincar?

É justo. Evie esperava realmente que ele não tentasse ser engraçado — o choque poderia matá-la.

Ele levantou a bolsa aberta e devolveu *Kingsley*, o sapo, ao seu interior antes de se virar para Evie.

— Já falta pouco para chegarmos à mansão.

Evie seguiu-o, mas desta vez não em silêncio.

— Como é que eu sei que não está a manter-me viva só para poder matar-me de uma forma mais divertida mais tarde?

— O que é exatamente uma forma divertida de matar alguém?

O rosto dele estava inescrutável, mas ela percebeu que o tinha surpreendido de novo.

— Bem, eu sei lá! Tenho a certeza que deve retirar alguma alegria de uma atividade que pratica com tanta frequência.

Ela estendeu uma mão e agarrou-lhe o ombro para não se desequilibrar, enquanto passava por cima de um tronco caído.

O ombro ficou tenso sob os dedos dela, algo que Evie não odiava completamente, apesar de o rosto dele permanecer impassível.

— Tens razão. Há algumas maneiras divertidas. — Ele saiu do alcance dela assim que ela passou pelo tronco, e ela deixou a mão cair para o lado. — Mas eu não preciso de as implementar, pois os teus dois pés esquerdos vão ser a tua ruína.

— Pela última vez, eu não sou desajeitada. Caí uma vez. Da primeira vez a culpa foi sua. — Ela pavoneou-se à frente dele, de braços cruzados. — Eu tenho os meus defeitos, Vossa Maldade, mas um deles é não ter tendência para...

Trás!

A cabeça de Evie recuou bruscamente. Ai.

Piscou os olhos ao ar da noite, totalmente confusa com o que tinha acabado de acontecer.

Com um suspiro pesado, O Vilão contornou-a e pôs a mão sobre o atacante invisível. Assim que os seus dedos tocaram no espaço, uma barreira começou a dissolver-se à volta deles, num clarão de luz azul. Os cantos do cenário derreteram-se, revelando maciços muros de pedra e um portão de ferro preto. Atrás dele, altas torres de pedra.

O seu castelo estava escondido por magia — e tinha-lhe dado uma pancada na cabeça.

O portão girou nos gonzos e abriu-se, e O Vilão fez-lhe sinal para entrar à frente dele. Como que resignada a mergulhar de cabeça num fosso de dragões marinhos famintos, ela obedeceu. Honestamente, por esta altura, o que mais poderia fazer? Já tinha esgotado todas as outras opções ao concordar em ajudá-lo e deixá-lo ajudá-la em troca. Mais valia levar isto até ao seu amargo e sangrento fim.

A Mansão do Massacre era demasiado grande para ser considerada apenas uma mansão. Provavelmente poderia albergar toda a sua aldeia, mais outras duas aldeias do mesmo tamanho, confortavelmente. Estava dilapidada e a desmoronar-se em algumas partes, mas havia um encanto no seu desalinho. As pedras que compunham a estrutura eram cinzentas e castanhas, ostentando musgo e trepadeiras várias nas fendas e nos espaços entre elas. Mas a sua desordem dava-lhe um ar convidativo e misterioso.

Talvez até ligeiramente reconfortante.

Contornaram fontes rachadas cobertas de mais musgo enquanto o olhar de Evie percorria o jardim ao redor. Estava surpreendentemente bem cuidado. De facto, tinha a certeza de ter visto um canteiro de narcisos, e sufocou uma gargalhada.

Mas a grandiosidade do espaço era realmente o mais assustador, pois de alguma forma parecia crescer à medida que se aproximavam — aumentando ao mesmo nível que a desgraça iminente de Evie.

Em suma, era enorme, e um lugar grandioso para se morrer.

Evie engoliu com força, olhou para a madeira escura de uma grande porta, e virou-se para O Vilão, com uma interrogação nos olhos.

— Se empurrares ligeiramente, a porta abre-se.

Havia uma segura confusa em tudo o que ele dizia. Como se tivesse um sentido de humor secreto ou acreditasse mesmo que toda a gente no mundo era incompetente.

— Eu sei como as portas funcionam — disse ela, exasperada.

Ele semicerrou os olhos, como se não acreditasse nela.

— Então porque é que ainda não está aberta?

Ah, bem, está rodeado de pessoas incompetentes, Vossa Maldade.

— Deixe-me fazer isso, senhor! — Uma voz grave soou da janela acima deles, fazendo Evie gritar de susto, tropeçar e ir de novo contra O Vilão.

— Depressa, Marvin. A menina Sage parece estar a ter algum tipo de ataque.

— Há quanto tempo é que ele está lá em cima?

Ela afastou-se da solidez do peito dele e ficou alarmada ao sentir o seu cheiro fresco. Ele não deveria cheirar a morte? Não a canela, *whisky* e cravinho.

— É um dos meus guardas. Está sempre lá em cima.

Como se tivessem cronometrado o momento, a pesada porta abriu-se com um rangido sinistro.

Evie seguiu-o até ao *hall* de entrada mal iluminado.

— Pronto, estou no seu covil, Vossa Maldade. Porque me trouxe aqui?

Ele revirou os olhos negros e atravessou a enorme sala em direção a uma imponente escadaria de pedra junto à parede mais distante, que levava sabe-se lá aonde. E gritou por cima do ombro:

— Se vais trabalhar para mim, Sage, não podes continuar a chamar-me isso.

Não abrandou a passada larga, e Evie teve de correr para o alcançar quando começaram a subir.

— Trabalhar para si? — A ideia era demasiado ridícula. — Não posso fazer isso. Você é... você é... mau.

Ele congelou no segundo lanço, encostado a um vitral.

— Sou — disse ele, sem sequer tentar negar. Caminhou em direção a ela, imponente. Ela sabia que ele estava a tentar intimidá-la. — Mas disseste que precisavas de emprego.

Disse? Ah, sim, disse, quando estava num estado de divagação induzida. Evie estava habituada a que as pessoas ignorassem essas reflexões e não que as considerassem uma candidatura de emprego.

— Preciso — admitiu ela, penosamente. — Mas porque é que havia de me oferecer emprego? O que é que o dia de hoje lhe disse que estou qualificada para o tipo de trabalho que faz?

— Tens uma maneira cruel de pensar que considero valiosa, e ajudaste-me, apesar de tudo o que ouviste sobre mim.

Ele olhou para o cachecol ensanguentado em volta da cinta.

— Os seus ferimentos! — Evie recuou, olhando para ele com descrença. — Esqueci-me completamente. Está com muitas dores?

Ele fez uma careta, mas não desamarrou o cachecol da cintura.

— Eu saro depressa. E os *teus* ferimentos?

A nódoa negra na anca ia ficar feia e roxa. Quanto à mordida da flecha que quase lhe arrancara a pele das costas, ardia, mas o pior já tinha passado.

— Eu sobrevivo — respondeu ela, encolhendo os ombros, não mencionando o ferimento adicional de faca no seu ombro esquerdo. Provocado pelo seu último patrão.

Isso ainda doía como o raio.

Ele assentiu, estendeu a mão e disse:

— Que me dizes, Sage?

Evie fez uma pausa, sabendo que admitir isso poderia ser o seu fim, mas não conseguia mentir.

— Será que me iria oferecer este emprego... o que quer que seja... se soubesse que o meu pai já foi um dos cavaleiros do rei?

O rosto dele permaneceu impassível; na verdade, pareceu-lhe aborrecido.

— Ainda é?

— Não, não! Foi muito antes de eu nascer. Foi só para conseguir poupar dinheiro para o açougue. Deixou a função depois de se casar com a minha mãe. — A parte seguinte era dolorosa, por isso ela disse-o rapidamente. — Ele está demasiado doente para trabalhar, de qualquer forma, e a única lealdade dele é para com a família.

O Vilão encolheu os ombros.

— Então não vejo porque é que isso seria um problema.

Bem, se não era um problema, de certeza que ela conseguiria encontrar mais alguns.

— O que é que trabalhar para si acarreta? — perguntou, fitando a mão dele como se ela fosse, ao mesmo tempo, uma tábua de salvação

e uma sentença de morte. — Não tenho qualquer interesse em magoar pessoas ou ajudá-lo a magoar pessoas. Ou em ser uma das suas... «amigas».

A mão dele caiu para o lado, os lábios torcidos para cima, quase como se estivesse a tentar... sorrir?

— Não és o tipo de mulher que eu levaria para a minha cama.

O rosto de Evie ficou quente, e a dor no seu ombro de repente não era nada em comparação com o ardor da rejeição que sentiu no peito. O que era ridículo, porque ela não queria ser desejada por este homem, mas, caramba, ela não era desprovida de orgulho.

Estendendo a mão mais uma vez, com o seu lindo rosto tornando-se uma parede impassível, vazia de emoção, exceto pela leve suavidade ao redor dos olhos, ele disse:

— Vou ser franco. Não vou forçar-te, mas tu agora sabes onde fica a «Mansão do Massacre», como tão eloquentemente lhe chamaste. Sabes que não sou imune ao corte de uma lâmina e, a pior de todas as ofensas, viste o meu rosto. — Olhou fixamente para um cacho caído na testa dela. Ela devia estar um desastre depois de correr pela floresta como uma criminosa. — Tu és um risco para mim e não tenho tempo para pedir à Tatianna que mexa na tua mente e remova as memórias deste dia. Estou a sujar de sangue a minha camisa favorita. Tu precisas de trabalho e eu estou disposto a dar-te uma posição generosa com um salário ainda mais generoso. — Como ela não se moveu, ele suspirou e acrescentou: — E posso garantir que nunca fiz mal a um inocente.

— Mas e a minha aldeia? — deixou ela escapar antes de conseguir pensar melhor. — E se o ajudar a magoar alguém que eu conheço?

— Isso seria muito embaraçoso para ti — respondeu ele com indiferença. Ela semicerrou os olhos para ele até ele ceder. — Vou poupar os *aldeões* às minhas intenções *verdadeiramente* assassinas.

Apesar do tom de voz agradável, ela não conseguia livrar-se da sensação de que ele estava a dizer mais do que ela podia adivinhar.

E embora lhe custasse acreditar que estava realmente a considerá-lo, a ideia de poder sustentar a família fazia com que o coração lhe disparasse no peito. Antes mesmo de se aperceber, a sua mão estava entrelaçada na dele.

Esperava que a mão dele fosse fria, mas era quente, e a sensação dos dedos dele a envolverem os dela provocou-lhe uma sensação de embriaguez.

— Tudo bem, aceito a sua oferta. Que coisas depravadas vou fazer por si, Vossa Maldade?

Mantendo as mãos entrelaçadas e os olhos fixos, ele deixou um sorriso dançar nos seus lábios carnudos.

— Parabéns, Sage, de hoje em diante, és a minha nova assistente pessoal. — Largou-lhe a mão e virou-se para continuar a subir as escadas, mas mal dera três passos, voltou-se para ela, que ainda estava atordoadada. — E, se tens mesmo de me chamar alguma coisa, «senhor» servirá perfeitamente.



CAPÍTULO 1

EVIE

Cinco meses depois...

Havia cabeças cortadas penduradas no teto, *outra vez*.

Evie suspirou, acenando a Marvin enquanto fechava a pesada porta do castelo atrás de si e atravessava o salão principal, com os tacões a ecoarem no chão de pedra, ao ritmo do seu coração acelerado.

O Vilão estava de mau humor.

Uma cabeça cortada era normal. Algo a que Evie já se tinha assustadoramente habituado no tempo em que trabalhava ali. Mas agora havia três cabeças de homem penduradas, com as bocas abertas num grito silencioso, como se tivessem deixado a vida num terror abjeto. E se ela olhasse de perto...

Blhec, um deles tinha um olho a menos.

Evie perscrutou o chão antes de dar mais um passo, esperando desesperadamente não esmagar o olho com o calcanhar, como sucedera há algumas semanas, quando se aventurara na câmara de tortura do patrão para lhe transmitir uma mensagem. O grito que soltara na altura não passara de um pio, mas, se voltasse a acontecer, não tinha a certeza de conseguir repetir a mesma compostura. Conseguia lidar com um dedo da mão ou até com um dedo do pé soltos, mas os olhos reventavam quando eram pisados, e essa parecia ser a linha que a mente de Evie não conseguia cruzar.

Fungou, e seguiu em frente. *É justo, a meu ver.*

Mas isso era irrelevante. O tipo de horror que ela enfrentava no dia a dia não a incomodava como deveria. A sua necessidade de normalidade tinha diminuído, a pouco e pouco, desde que começara a trabalhar, mas não se importava. «Normal» era para aqueles que não tinham a capacidade de forçar a mente para lá do fim inalcançável. Era algo que a mãe lhe dissera quando ela era criança, e, por algum motivo, era o único conselho que Evie não conseguia ignorar.

De qualquer forma, era algo que não conseguia evitar. Ela era, afinal, assistente pessoal do Vilão. Riu-se do título do cargo, imaginando a forma ridícula como o anúncio de emprego apareceria no jornal.

DEVE SER BEM ORGANIZADO.

DEVE GOSTAR DE TRABALHAR ATÉ TARDE E APRECIAR

ESCREVER DOCUMENTOS LONGOS.

DEVE SENTIR-SE CONFORTÁVEL COM, E ATÉ ENCORAJAR,

INCÊNDIOS, TORTURA, ASSASSINATO.

E NÃO DEVE GRITAR QUANDO HÁ UM CADÁVER OCASIONAL

EM CIMA DA SECRETÁRIA.

Em defesa do patrão, ele só tinha feito essa última coisa uma única vez desde que ela começara a trabalhar ali. Depois de chegar ao trabalho no horário pontual de sempre, ela atravessara o escritório e avistara imediatamente o cadáver de um homem corpulento esparramado em cima da sua secretária. Cortes por todo o corpo, sem pedaços de carne.

Tinha sido torturado antes de ser morto, isso era óbvio, e o patrão tinha-se lembrado de deixar o corpo em cima da sua secretária branca, brilhante e muito organizada, instalada no exterior do seu escritório enorme e desorganizado. Nunca se esquecerá da sua cara quando entrou, fitou o corpo, e o viu encostado à entrada do escritório. Ele estava ali parado, de braços cruzados e o olhar penetrante focado nela.

Ah, pois, pensara Evie. Está a testar-me.

Mas ajudou o facto de ele não parecer estar à *espera* de que ela falhasse.

Ela acostumara-se de forma tão alarmante *àquele* olhar dos aldeões que catalogara isso na sua mente como coisas que a faziam querer cometer atos de violência.

Então, em vez disso, ponderara todas as reações mais favoráveis naquele momento — ou seja, que lhe permitissem manter o emprego — e, por fim, decidira simplesmente ser ela própria. Bem, ela própria com um cadáver mutilado em cima da secretária.

Olhara para o patrão, com o peito apertado pela forma intensa como ele a olhava. Era quase como se ele estivesse a *desejar* que ela não falhasse, o que não fazia sentido algum. Talvez ele estivesse com indigestão — por causa de todas as torturas dessa manhã e tudo mais.

— Bom dia, senhor. Quer que eu trabalhe em volta deste cavaleiro? Ou esta é a sua maneira subtil de me dizer que gostaria que este corpo fosse transferido para um local mais apropriado? — perguntara com um sorriso amigável no rosto.

Ele apenas erguera uma sobranceira, e depois afastara-se da ombreira da porta e caminhara em direção à secretária dela — e ao corpo.

Ela abafara um suspiro quando ele se inclinara sobre a sua secretária e o couro preto se esticara nas coxas dele — porque ele pusera o corpo ao ombro como se fosse um saco de batatas, não por causa das coxas. Os olhos dele nunca deixaram os dela enquanto se endireitava e transportava o homem em direção à janela mais próxima... e prontamente o deitava fora.

Evie contivera o suspiro, determinada a provar o seu valor. Além disso, este trabalho ainda estava a correr *muito* melhor do que o anterior.

Respirando fundo, Evie mantivera os olhos fixos no Vilão, ignorando o seu novo interesse por roupas de couro ou, mais perigosamente, pelas coxas dele.

— Um método de descarte muito criativo, senhor. Quer que vá pedir uma chávena de bebida do caldeirão ao Edwin?

O ogre que trabalhava na cozinha preparava todos os dias doses daquela gosma castanha produzida a partir de feijões mágicos, juntamente com bolos acabados de fazer. Ela nunca tinha ouvido falar da bebida, mas tinha a propriedade de aumentar a produtividade no trabalho e parecia deixar toda a gente mais bem-disposta, apesar dos cadáveres.

Os lábios do Vilão curvaram-se para cima, e os seus olhos escuros dançaram de contentamento. Não tinha sido bem um sorriso, mas o suficiente para que o coração dela lhe batesse nos ouvidos.

— Sim, Sage, tu sabes como é que eu gosto de a tomar.

E nunca mais encontrara outro cadáver na secretária desde então, o que não significava que os últimos meses não tivessem sido exigentes. O Vilão passava muito tempo fora, provavelmente a «vilanizar» os habitantes da aldeia próxima de alguma forma que ela não gostava de imaginar. Tinham feito uma espécie de pacto de que ele não praticaria as suas maldades na aldeia *dela* — ou pelo menos ela tinha interpretado o grunhido dele como concordância. Mas, ainda assim, algo lhe dizia que até mesmo um cadáver em cima da secretária seria mais divertido do que o humor que ele tinha hoje.

Porque a decapitação excessiva só podia significar uma coisa: um dos seus planos fracassara, pela terceira vez em dois meses.

Soltou outro suspiro enquanto se aproximava da interminável escadaria sinuosa. Evie olhou para ela por instantes, perguntando-se porque é que havia magia suficiente nas paredes daquele lugar para mover objetos por conta própria e manter a temperatura confortável, mas não o suficiente para tornar as escadas menos, digamos, horríveis. Abanou a cabeça. Ia colocar isso na caixa de sugestões.

Nota mental: sugerir uma caixa de sugestões.

Ao iniciar a sua subida diária, evitou a porta que apareceu à sua esquerda após o primeiro lance. A porta que dava para os aposentos particulares do patrão.

Só os deuses sabiam o que ele fazia no seu lado pessoal da enorme e decididamente sombria estrutura de pedra.

Não penses na vida pessoal dele, Evie.

Outra boa regra para a lista à qual ela acrescentava pontos regularmente desde o seu primeiro dia ali.

Para de tentar fazer o patrão rir, Evie.

Não toques no cabelo do patrão, Evie.

Não aches a tortura atraente, Evie.

Não digas ao Edwin que a bebida do caldeirão é muito forte, Evie.

Enquanto subia o segundo andar e contornava o corrimão à luz de velas para o próximo lance, custava-lhe a respirar, e a barriga da perna ardia-lhe sob a saia azul grossa que roçava a parte superior dos seus tornozelos.

Um grito ecoante vindo das câmaras de tortura nas masmorras abaixo fê-la parar. Piscou os olhos por um segundo, abanou a cabeça e depressa retomou a subida.

Apesar das suas outras ações obviamente nefastas, o patrão tinha um conjunto estranho e confuso de valores morais que seguia diligentemente — o primeiro dos quais era nunca fazer mal a inocentes, para alívio dela. A maldade dele era do tipo vingativo. Ela também gostava do facto de os seus valores morais incluírem tratar as mulheres com o mesmo nível de respeito e estima com que tratava os homens. O que, em retrospectiva, não era muito, mas pelo menos as regras no escritório eram mais consistentes do que no mundo exterior.

Antes de trabalhar para o senhor do mal, Evie passava os dias a trabalhar para o ferreiro local da sua aldeia, Otto Warsen. A organizar as ferramentas dele, a entregar-lhe todos os utensílios necessários para ele realizar o trabalho duro na forja. Era um trabalho decente, que lhe pagava o suficiente para sustentar o pai doente e ainda chegar a casa a tempo de preparar o jantar para ele e para a irmã mais nova.

Ou pelo menos tinha sido um trabalho decente — até deixar de ser.

Evie levou a mão ao ombro, por baixo da blusa de linho, e tocou na cicatriz saliente e irregular escondida ali. Se tivesse sido uma lâmina normal, teria curado corretamente. Mas qualquer que fosse a magia que estivesse enraizada na adaga branca, agora vivia sob a sua pele como uma maldição. Uma cicatriz tão cruel que brilhava sempre que ela sentia uma pontada de dor em qualquer parte do corpo. Um incómodo, já que objetos inanimados pareciam aparecer no seu caminho a um ritmo alarmante.

Se houvesse algo em que tropeçar, ela iria tropeçar de certeza.

Conseguindo soltar uma risada por entre duas arfadas, Evie subiu o último lance de escadas — com um covil grande o suficiente para uma aldeia e obrigava-os a trabalhar no último andar? Mal, o teu nome é vilão — mas continuou em direção à pessoa que tinha alterado o curso da sua vida.

Parecia inconsistente referir-se simplesmente ao patrão como «pessoa». Em muitos aspetos, ele era maior do que a vida, mas o facto de ela ser responsável por todos os seus desejos e necessidades tinha-o humanizado. O véu de mistério que o cobria quando ela começara a trabalhar tinha desaparecido e uma imagem muito mais clara tinha-se formado na sua mente.

Ainda assim, ela tinha muito que aprender.

Como que tipo de escuridão se escondia dentro dele para que houvesse *três cabeças cortadas* penduradas no teto.

Chegou ao último degrau e passou a mão na testa suada, desesperada com o tempo que tinha passado a arranjar-se naquela manhã. Não precisava de um espelho para saber que tinha as bochechas coradas e os fios de cabelo que se tinham soltado da sua trança colados à testa. Até sentia o suor a escorrer por entre as coxas enquanto percorria o corredor.

Um pensamento tentador de calças largas dançou-lhe na mente.

O patrão tinha deixado bem claro que não havia regras na forma como os seus funcionários se vestiam, o que significa que, pela primeira vez na sua vida de funcionária, Evie tinha permissão para usar algo que não vestidos de cores monótonas. Mas ela temia que usar algo tão escandaloso como calças chamasse muita atenção para si mesma.

As mulheres têm pernas? Alertem o pregoeiro da cidade!

Não, ela já atraía suspeitas suficientes na sua pequena aldeia sobre o trabalho «misterioso» para o qual desaparecia todos os dias. O melhor era passar despercebida para que ninguém se dignasse a investigar.

Quando alguém lhe perguntava sobre o seu trabalho, dizia que conseguira trabalho como criada numa grande mansão numa aldeia vizinha.

Não era de todo mentira. Ela passava a vida a limpar a bagunça em torno do Vilão, e geralmente envolvia sangue.

Quando chegou ao fim do corredor, puxou a luminária dourada mais próxima do vitral e deu um passo atrás quando a parede de tijolos se abriu lentamente, revelando o salão de baile oculto que também servia de espaço de trabalho. Entrou apressada na grande sala enquanto a parede se fechava atrás de si e respirou fundo. O cheiro fresco a pergamino e tinta permeava o ar de uma forma reconfortante e familiar, o que nunca deixava de a fazer sorrir.

— Bom dia, Evangelina.

E agora a manhã estava arruinada.

Rebecka Erring estava sentada com o seu grupo de profissionais administrativos à esquerda, e todos pararam o seu trabalho para olhar para Evie. Os olhos de Rebecka fixaram-se nos de Evie por trás dos óculos grandes e redondos.

— Bom dia, Becky — respondeu Evie.

Ela passou a palma da mão na frente do vestido de gola alta que era dois números acima do dela.

— Veremos — respondeu ela, seguida por seis pares de olhos que se voltaram para os seus pergaminhos ao perceberem que não haveria derramamento de sangue hoje.

Com toda a honestidade, Becky era muito bonita. Era apenas dois anos mais velha do que Evie, mas esses dois anos deviam significar dez na cabeça de Becky em termos de superioridade.

A sua pele morena era impecável e o seu sorriso de lábios cerrados não prejudicava as suas feições marcantes. As suas maçãs do rosto tinham a mesma largura que o queixo, atraindo a atenção para cada ponto alto do seu rosto. Se a sua personalidade refletisse pelo menos um pinga da sua beleza física, Becky poderia ser a melhor pessoa que Evie conhecia.

Mas, infelizmente, era hedionda.

Evie sorriu docemente, colocando um fio de cabelo atrás da orelha.

— Trabalhaste muito esta manhã?

A outra mulher retribuiu o sorriso, um sorriso tão grande que poderiam ter repavimentado a passagem até ao castelo com ele.

— Fui a primeira a chegar esta manhã, por isso adiantei muitas coisas.

Na linguagem de Becky, isso significava: *Cheguei aqui antes de ti, por isso sou melhor do que tu. Olha para o meu temível registo de assiduidade.*

Mantendo os olhos fixos para não os revirar, Evie abriu caminho por entre a multidão de pessoas que se movimentavam pela sala a passos largos. O patrão exigia eficiência de cada pessoa que empregava, e todas as pessoas aqui queriam desesperadamente provar que eram indispensáveis.

A sala secreta era grande e aberta, com escrivainhas e secretárias cheias por todo o lado. Vitrais, retratando várias cenas de maldade e tortura, estavam uniformemente espaçados ao longo das paredes de tijolos bege, dando uma luz quente ao espaço. O lustre coberto de teias de aranha acima deles brilhou quando a luz o atingiu, trazendo à memória de Evie as cabeças cortadas ainda penduradas nas vigas abaixo. Ela realmente esperava que aquele grito vindo das câmaras de tortura não fosse outra cabeça prestes a ser exibida também.

Tinha estado nas masmorras apenas algumas vezes, mas nunca tempo suficiente para avaliar com precisão a sala dos horrores. Mas algumas das estagiárias sim. Tinha sido o ponto alto das suas conversas melindrosas perto das cozinhas.

— Cheira a carne podre e a desespero — dissera uma delas.

Evie prontamente perguntara a que cheirava o desespero, mas as outras raparigas apenas tinham voltado a sussurrar.

Ela nunca tinha tido jeito para fazer amigos.

Por um lado, desde o desaparecimento da mãe, quando era criança, Evie tornara-se demasiado boa a deixar que os assuntos sérios passassem por ela como uma maré, para que nunca chegassem perto o suficiente para a magoar.

Por momentos, pensou que este trabalho lhe poderia dar um ar mais sombrio. Que as pessoas olhariam para ela e veriam alguém com sofisticação e experiência. Mas apesar de todas as razões que tinha para se tornar uma personagem sombria e ameaçadora, Evie continuava a ser exatamente quem sempre fora: uma otimista. Algo terrível para se ser no escritório de um vilão, diga-se de passagem. É certo que ela não *queria* tornar-se má, mas quando se passa a maior parte da vida a tentar ver o sol, começa-se a desejar a chuva.

Nos seus momentos mais íntimos, imaginava como seria nunca mais sorrir, ser temida como o patrão era. Mas Evie Sage não era uma vilã, e quem quer que o sugerisse seria ridicularizado.

Claro, como é que não iriam continuar a vê-la da mesma forma se ela continuava a sorrir e a suportar tudo? Tal como ao resto da aldeia, Evie contou uma mentira ao pai e escondeu-lhe, a ele e a Lyssa, onde ia todos os dias. Era para o bem deles, na verdade. O pai já se preocupava tanto com o fardo que estava a colocar sobre as filhas, doente e impossibilitado de trabalhar desde que contraíra a Doença Mística, uma doença que assolava o reino nos últimos dez anos.

A doença atacava sem mais nem porquê, aparentemente selecionando as vítimas de forma aleatória. Alguns morriam rapidamente da doença — os sortudos —, outros ficavam demasiado fracos para sair da cama enquanto ela lentamente lhes roubava as vidas, como o pior dos ladrões.

O pai já estava doente há tempo suficiente para que o curandeiro lhes garantisse, a ela e a Lyssa, que isso não iria matá-lo, por enquanto.

Mas passava a maior parte dos dias tão fraco que não podia continuar na profissão que exercia antes.

Felizmente, era açougueiro, o que era uma bênção para Evie, pois crescera rodeada de sangue e cadáveres, e agora esse mesmo ofício era a sua profissão. Embora ver cadáveres de animais fosse muito diferente de ver cadáveres de pessoas.

Quando se sentou à secretária e começou a sua tarefa diária de fazer o balanço dos livros de contabilidade, lembrou-se de que, pelo menos hoje, a sua secretária estava limpa. Estava a trabalhar há apenas uma hora quando algo bateu na parede atrás dela — e a fez cair da cadeira e bater com o rabo no chão com um baque constrangedor. Ao cair, também derrubou os papéis, e assim, as duas horas de trabalho a organizar faturas caíram ao seu redor como flocos de neve de papel.

Isso é de amadora, Evie.

Ela sabia que tinha de estar sempre alerta, já que a sua secretária ficava muito perto do gabinete do patrão.

Viu o último papel cair sobre o seu peito, sem se preocupar em levantar-se ou retomar imediatamente o trabalho. Algo ou alguém certamente tinha sido lançado contra a parede... Outro estrondo, seguido por dois baques mais suaves e vidros a partirem-se.

E lá se vai a foto emoldurada que pendurei na semana passada.

Ainda no chão, a sentir-se ridícula, Evie voltou-se e pôs-se de joelhos para apanhar os papéis espalhados.

— Ai — murmurou baixinho, esfregando o traseiro.

Mas bem poderia ter gritado, dada a forma como a porta preta do gabinete do Vilão se abriu, abanando as paredes e fazendo o resto dos funcionários congelar. Evie ergueu lentamente os olhos dos papéis que tinha nas mãos, e os seus olhos captaram primeiro a ponta de uma bota preta brilhante e depois subiram. Calças escuras que deveriam ser largas, mas que em vez disso abraçavam coxas musculadas agarradas a um torso impressionante.

Os seus olhos passaram pelo V solto da camisa preta entufada dele, que expunha a forte parte superior do seu peito. Mesmo desgrenhado, ele era perturbadoramente atraente.

Quando o seu olhar finalmente chegou ao rosto dele, ela teve de engolir um suspiro e enterrá-lo onde nunca ninguém o encontraria.

Mas como podia evitá-lo? O maxilar dele era tão afiado e anguloso que quase podia transformar-se numa arma, tão forte que a fazia tremer por dentro.

Não deixes que o teu patrão te faça tremer por dentro, Evie.

Dantes, ela achava que a parte mais difícil de encarar eram os olhos dele. Um preto surpreendente e cativante, uma teia destinada a enredar a alma. O tipo de olhos que imploravam que desviássemos o olhar, mas Evie ignorava esse apelo, porque eles eram bonitos demais para não olhar para eles.

E a boca dele.

Talvez a parte mais expressiva do rosto, cada nuance tão ligeira, mas tão rica em significado, que ela começara a catalogá-las. Por exemplo, agora a boca dele estava bem fechada. Quando voltou a olhar para os olhos dele, ele estava a olhar para ela. A cabeça dele estava levemente inclinada e ela sentiu o estômago às voltas quando imaginou o que ele deveria estar a pensar ao vê-la de gatas, como se estivesse a saltar ao eixo.

Estará confuso? Baralhado? Prestes a matar-me pela minha falta de jeito?

Ele baixou-se lentamente até ficar no nível dos olhos dela.

Sem a intimidação fundamental que deveria estar a sentir, Evie sorriu abertamente para o homem de quem todo o reino vivia com medo.

— Bom dia, senhor. — Um gemido abafado veio de dentro do gabinete do patrão. Erguendo as sobrancelhas e inclinando a cabeça para olhar além da dele, ela acrescentou: — Estamos a ter uma manhã agitada?

O patrão arqueou as sobrancelhas.

— Bastante.

Abanando a cabeça como se estivesse abalado com a sua própria resposta, ele começou a reunir o resto dos papéis espalhados antes de os pousar em cima da secretária.

Evie pôs o pé no chão para se levantar e estremeceu, recebendo um olhar penetrante do mal encarnado diante dela. A sua boca torceu-se para baixo numa careta. Ele estava... zangado? Claro que estava zangado. Evie interrompera o que fosse que ele estava a fazer caindo de rabo no chão.

Ela começou a levantar-se colocando uma das mãos na beira da secretária, mas o patrão içou-a pela cintura e pô-la de pé antes que ela pudesse protestar. Não que ela o fosse fazer, se tivesse tido tempo, porque as mãos grandes dele eram, bem, muito bonitas.

Quando ela estava finalmente de pé, ele baixou as mãos num instante, cerrando-as em punhos ao lado do corpo. O calor subiu-lhe às bochechas enquanto ela tentava desajeitadamente desviar o olhar para qualquer lado que não fosse o rosto dele, com medo de ver um sorriso, ou pior. Mas o seu olhar aterrou no V aberto da camisa preta.

E a sua boca, por algum motivo esquecida pelos deuses, decidiu produzir excesso de saliva.

Evangelina Célia Sage, se vais escolher este momento para te babares, nunca mais lerás um romance sujo.

Demasiado distraída com o pedaço de pele, Evie quase não percebeu a maneira como o patrão a avaliava. Não como os seus patrões anteriores faziam, mas de forma muito mais analítica. Como se estivesse em busca de inconsistências.

— Como é que caíste, Sage? — As palavras dele tinham uma sofisticação suave. Um sotaque melodioso que tornava a sua voz ainda mais atraente.

— A minha cadeira virou-se contra mim — respondeu Evie categoricamente. — E o meu traseiro ficou muito familiarizado com o chão.

Os lábios dele curvaram-se para cima e Evie sentiu-se como se tivesse acabado de encontrar um tesouro. Quando se virou para pouso o resto dos papéis, sentiu outra dor aguda descer pelas costas. Estremeceu.

O fantasma de um sorriso desapareceu dos lábios dele e Evie amaldiçoou a sua própria falta de jeito por fazê-lo desaparecer.

— Precisas de ir à curandeira? — perguntou ele, apoiando a mão num dos lados da secretária dela e inclinando-se de uma forma que enfatizava o seu antebraço forte sob a manga da camisa enrolada.

Hum... de repente a boca dela ficou completamente seca.

— Não, senhor, eu não gostaria de submeter a Tatianna à minha guerra com a cadeira. — Ela inclinou-se, gesticulando para que ele se aproximasse para lhe falar em segredo. Ele virou a cabeça ligeiramente, apresentando-lhe a orelha, e Evie sufocou a sua surpresa ao

vê-lo aceitar as suas artimanhas. — É melhor manter isto entre nós, ou podemos provocar uma revolta entre as outras cadeiras.

Então o patrão fez algo que quase fez a alma mortal de Evie deixar o seu corpo — riu-se. Ou melhor, ele tossiu, muito, na mão. Tinha-a fechada em volta da boca, claramente a mascarar um sorriso que tentava furiosamente afastar dos lábios.

Evie murmurou o seu choque baixinho.

— Isso nem sequer teve graça.

O olhar atento dos outros funcionários chamou-lhes a atenção e, antes que o patrão se virasse para lançar um aviso geral, a multidão dispersou como formigas ao verem um pé gigante na sua direção.

Exceto, é claro, Becky, que manteve os olhos de falcão colados na dupla do outro lado da sala.

— Vai ter com a curandeira, Sage. Temos uma grande semana pela frente e não posso permitir que caias morta.

— Acho que nunca ninguém morreu por causa de um hematoma no rabo, senhor.

Os olhos dele ficaram tensos e a boca fez um movimento familiar que até Evie sabia que significava que ela tinha ido longe demais.

Deu um pequeno passo atrás.

— Mas eu não gostava de ser a primeira, por isso vou... vou lá agora.

Contornou-o, passando pelo gabinete dele. Avistou um homem de aparência magricela lá dentro, deitado debaixo de um tijolo que se tinha soltado da parede acima. Sem dúvida, depois de ele a ter atingido.

Como sempre fazia nos últimos meses, Kingsley estava sentado na beira da secretária do patrão, e observava-a com os seus largos olhos que não piscavam. Então levantou uma pata e mostrou-lhe uma das pequenas placas que usava para comunicar. Esta era a giz vermelho e dizia: AU.

Evie tinha começado a gostar muito da presença da pequena criatura. Ele apenas ficava ali sentado, a observar e a dar conselhos silenciosos com a placa de lousa que o patrão lhe dera para escrever. A minúscula coroa de ouro estava sempre presente na sua cabeça viscosa.

— Au, de facto — murmurou Evie em resposta a Kingsley, antes de voltar a sua atenção para o homem destroçado caído no chão.

Tentou reunir a compaixão que deveria sentir pela dor de outra pessoa, mas via tantos homens a entrar e a sair daquela sala que estava a tentar guardar a sua compaixão para aqueles que realmente a mereciam.

O homem com cara de patife, que ela tinha quase a certeza de ter visto a atirar pedras a um grupo de patos na semana anterior na sua aldeia, não passou na seleção. Um sorriso formou-se-lhe nos lábios enquanto ela se esforçava por se lembrar de que provavelmente o patrão não estava a espancar aquele homem para defender a honra de alguns patos. A sua mente também sugeria que, mesmo que ele não estivesse intencionalmente a defender os patos em questão, o tinha feito por associação.

O que, por algum motivo, era igualmente adorável.

Ela escondeu o sorriso por trás de uma expressão equilibrada e seguiu em frente, até ao pequeno corredor que levava aos aposentos da curandeira. Por causa do hematoma. No rabo dela.

Antes que pudesse apoiar a cabeça entre as mãos diante do desastre da sua manhã, lembrou-se do patrão, ajoelhado diante dela, a entregar-lhe os papéis caídos, daquele pedacinho do peito dele, do riso dele.

Talvez a manhã dela não tivesse sido um *completo* desastre.

É claro que não havia como prever qual seria a reação dele quando ela voltasse para a sua secretária e tivesse de admitir a discrepância que encontrara nos livros naquela manhã. Ela ainda não sabia tudo sobre O Vilão, mas sabia que ele detestava registos desorganizados, quase tanto como ela odiava olhos fora das órbitas.



CAPÍTULO 2

EVIE

— **D**obra-te.
Evie não se mexeu.
— Talvez seja melhor pagares-me um jantar primeiro.

Honestamente, nem mesmo um jantar na taberna mais chique a motivaria a expor o traseiro à curandeira. De certeza que a magia funcionaria através do tecido da sua saia — se ela o dissesse na sua cabeça, talvez conseguisse que fosse verdade.

Sentou-se na mesa de exames e conteve um estremezimento de dor quando se mexeu, sempre com o olhar fixo no da curandeira num jogo do sério que Evie não tinha intenção de perder.

Desde que Evie a conhecera, a curandeira usava sempre pelo menos um elemento cor-de-rosa. Hoje, a cor delicada fazia a sua aparição habitual sob a forma de pequenos laços presos no seu lindo cabelo, fazendo-a parecer mais jovem do que seus 27 anos, mas não menos dura como adversária. A curandeira ergueu uma sobrancelha escura diante da recusa de Evie em se mover.

— Vá lá, Tati — disse Evie com um sorriso suplicante. — Já atingi minha cota de humilhação por hoje e receio que mostrar-te o traseiro ultrapasse todos os limites.

Por fim, Tatianna suspirou, colocou uma trança escura de cabelo atrás da orelha, e semicerrou os seus grandes olhos castanhos enquanto as suas mãos começavam a produzir um brilho amarelo quente.

Ah, graças aos deuses.

A luz chamou a atenção de Evie para as mangas transparentes do vestido luxuoso que abraçava as curvas generosas da mulher. Evie geralmente sentia-se demasiado culpada em gastar o salário em algo tão frívolo como um vestido novo, mas isso não significava que não invejasse o lindo guarda-roupa da curandeira.

Tatianna moveu as mãos em direção a Evie, pairando em frente aos seus ombros sem realmente lhe tocar, e de repente as costas de Evie sentiram-se como quando se sentava nas pedras da praça da aldeia, aquecidas depois de sujeitas ao sol de verão.

— Magoaste o cóccix, amiguinha. Bastante, na verdade.

A voz de Tatianna era como água límpida, nítida e suave, e aliviou-lhe algum do pânico. Suspirou de alívio. Uma nódoa negra era algo que ela podia pagar.

— É claro que sim. — Evie esfregou a testa. — E quanto é que me vai custar para o curar?

Um longo sorriso espalhou-se pelo rosto de Tatianna, o que, para quem não a conhecia, deixaria até a pessoa mais ansiosa à vontade. Mas Evie conhecia-a — e aquele sorriso era, por falta de palavra melhor... assustador.

— Hum — respondeu a curandeira, batendo no queixo em contemplação. — Se queres que fique completamente curado, quero dois segredos.

— O que significa que vais ter dois segredos, porque em que mundo é que eu iria querer passar o meu dia com uma nódoa negra dolorosa no traseiro? — Evie esfregou as têmporas e ergueu uma sobrancelha. — De que tamanho de segredo estamos a falar?

Caminhando em direção à sua mesa de unguentos e poções, Tatianna riu-se enquanto o seu vestido balançava para trás e para a frente.

— Nada digno de chantagem, mas melhor do que os mexericos que se ouvem na cozinha.

Evie vasculhou a memória, tentando lembrar-se de algo satisfatório, enquanto Tatianna remexia nas suas tinturas e movimentava as suas mãos brilhantes sobre uma pequena tigela. Partilhar segredos não era algo com que Evie tivesse problemas; era um livro aberto, na maior

parte das vezes. Muitas vezes tinha dificuldade em *guardar* coisas demasiado pessoais, especialmente diante de Tatianna.

Se ela pudesse pagar a toda a gente com os seus pensamentos e hábitos privados e ridículos, nunca mais teria de trabalhar.

Saltando da mesa com uma energia nervosa, Evie foi até à prateleira junto à porta e encontrou um frasquinho. Uma coisinha encantadora. Evie pensou que daria um bom feitiço..

— Não toques nisso! — gritou Tatianna, e o coração de Evie disparou.

— O quê? Porquê? O que é isto? — Evie olhou freneticamente para o frasco e para a mão que quase lhe tinha tocado. — Transforma as pessoas em sapos ou algo do género?

— O quê? — Tatianna abanou a cabeça, confusa. — Não, é um sedativo de ação lenta. É muito potente.

Evie afastou a mão como se se tivesse queimado, franzindo o sobrolho quando Tatianna sorriu e disse demasiado casualmente:

— Eu guardo as minhas poções de sapo num armário diferente. — Um ruído abafado saiu da garganta de Evie, mas antes que pudesse perguntar se a curandeira estava a brincar, esta continuou. — Um segredo, se faz favor — disse Tatianna, voltando-se para a poção que estava a preparar.

Evie fez uma pausa em contemplação e depois sorriu.

— Sonhei com o patrão ontem à noite.

Uma série de coisas a caírem ao chão e um grito veio da direção em que Tatianna estava, mas era tão invulgar ela perder a compostura que Evie se perguntou se havia alguma outra figura na sala que ela não conseguia ver.

Tatianna virou-se, derrubando várias outras coisas na sua corrida até Evie.

Embasbacada, Evie levou a mão ao rosto, como se tivesse algo escrito ali, algo que ela não conseguia ver.

— O que foi?

Não havia ladrões suficientes nos bairros de lata da aldeia oriental de Rennewdawn para roubar o brilho perverso nos olhos de Tatianna.

— Oh, e o que é que tu e o patrão fizeram nesse sonho, sua assistente marota?

Evie soltou uma gargalhada e tentou inclinar-se para apanhar os pergaminhos espalhados, mas endireitou-se imediatamente quando sentiu o seu ferimento protestar.

— É muito presunçoso concluir que foi tudo menos inocente.

Tatianna zombou com indignação, varrendo o conteúdo de volta para a mesa com um leve aceno de mão. Um dom raro nos curandeiros, mas muito útil para Tatianna, que por vezes precisava de usar as suas capacidades para retirar objetos de uma ferida sem lhes tocar.

— Já olhaste bem para o homem? Como se alguma coisa associada a ele pudesse ser inocente. — Ela fez uma pausa para um efeito dramático, as mãos levantando-se com um floreio. — Ele é um vício ambulante.

Evie fez um círculo com a mão por cima da cabeça, em forma de auréola, mas a curandeira limitou-se a rir e começou a misturar o conteúdo na tigela, as mãos assumindo de novo o seu brilho amarelo quente.

— Adoro-te, Evangelina, mas estás longe de ser inocente.

Virando-se e entregando a Evie uma pequena tigela castanha com um cheiro adocicado, sorriu.

— És corrupta por associação, minha querida. Agora, esfrega isto no traseiro e calça as luvas primeiro, senão vais ficar com os ossos das mãos deformados.

Calçando apressadamente as luvas, Evie agarrou na tigela e escondeu-se atrás de um biombo no canto para ter alguma privacidade. Baixou a saia uns centímetros e espalhou a pomada entre o tecido da saia e a parte de baixo das costas. Enquanto o fazia, Evie contemplava a sua posição precária a trabalhar aqui. Tinha visto coisas verdadeiramente horríveis até então, cada uma mais chocante do que a anterior. Mas nunca sentira necessidade de tentar impedir nada, apenas a vontade de oferecer ajuda onde podia e distanciar-se onde não podia.

Mas isso era irrelevante. Até os aldeões mais «certinhos» eram capazes de terríveis crueldades. Ela não iria sentir-se culpada por aceitar dinheiro de onde quer que ele viesse. Especialmente de um sítio onde nunca tinha sido maltratada ou olhada como um brinquedo.

A náusea apoderou-se dela quando começou a sentir o pedaço de osso partido fundir-se de novo, uma sensação enjoativa e pouco natural.

Não era suposto o corpo sarar a este ritmo, mas ela não tinha tempo a perder com um osso partido.

Depois de o último fragmento de osso ter deslizado para o lugar como uma peça de *puzzle*, Evie endireitou-se, e depois virou-se e dobrou-se da esquerda para a direita para testar a sua mobilidade. A dor aguda desapareceu como névoa ao vento, substituída por uma dor tensa que era de longe preferível.

— Vai ficar dorido durante as próximas horas, mas depois disso deve voltar ao normal. — Atirando o resto do conteúdo da tigela para o fogo da lareira de pedra, Tatianna arregaçou as mangas. — Mas tem cuidado... os ossos ainda estão flexíveis. Se te sentares de forma incorreta, podem deslocar-se.

Evie franziu o nariz e abanou a cabeça de um lado para o outro para afastar aquela imagem.

— Isso é nojento.

— Da próxima vez que alguém me pedir para descrever o meu trabalho, é exatamente isso que lhe vou dizer — disse Tatianna, enquanto lhe entregava um pequeno frasco cor-de-rosa. Sem dar a Evie tempo para perguntar qual era o conteúdo do frasco, Tatianna disse, num tom de uma suavidade preocupada. — É para o teu pai. — De ombros baixo, olhou pela janela. — Para controlar a dor. Lamento não poder fazer mais por ele.

Uma ardência quente surgiu na parte de trás dos olhos de Evie, fazendo-a fungar ligeiramente e pigarrear numa tentativa de a afastar. Pegou cuidadosamente no frasco e enfiou-o no bolso da saia.

— Então, se eu me sentar incorretamente... a minha nádega direita vai ficar maior do que a esquerda?

Uma gargalhada assustada saiu da boca de Tatianna enquanto ela batia levemente no ombro de Evie.

— És demasiado crédula, amiguinha. A minha magia é forte, e vai correr tudo bem. Agora, volta ao trabalho.

Ignorando a melancolia persistente, Evie esboçou um amplo sorriso e girou sobre os calcanhares em direção à porta.

— Ah! — exclamou ela, voltando a rodar. — O segundo segredo! Tatianna olhou para Evie por um momento, surpreendida.

— O segundo?

— Sim — disse Evie corajosamente. — Aquele sonho que eu tive com o patrão ontem à noite. — Inclinou-se mais para ela. — *Era* sujo. — O choque no rosto de Tatianna fez Evie rir-se antes de dar meia-volta, mas assim que o fez, ficou paralisada.

Engolindo o nó que se lhe formara na garganta, com os olhos arregalados como pires, Evie disse:

— Olá, senhor. Há alguma hipótese de querer pendurar a minha cabeça na entrada?

PROCURA-SE ASSISTENTE:

Conhecido vilão procura assistente pessoal para tarefas relacionadas com terror, morte, caos e vilania no geral.

Deve ser discreta. Excelentes benefícios.

Evie Sage precisa de encontrar emprego rapidamente para conseguir continuar a ajudar a família. Por isso, quando um encontro inesperado com o mais infame vilão de Rennedawn resulta numa proposta de trabalho, Evie não hesita em aceitar. É verdade que passa a ter de lidar com os gritos provenientes das masmorras e com as cabeças decapitadas penduradas do teto, mas, para sua surpresa, não se sente assustada. Na verdade, até considera o patrão atraente...

Quando Evie começa a sentir-se confortável no trabalho, a suspeita de que existe um traidor entre os funcionários do castelo vem desestabilizar os seus dias, levando-a a unir esforços com o Vilão para descobrir quem está a tentar sabotar o seu trabalho. Porque se alguém quer destruir o Vilão, Evie fará de tudo para o impedir.

Afinal, encontrar um bom emprego não é tarefa fácil...

«Excepcionalmente encantador
e divertido do início ao fim...
Uma leitura obrigatória.»

BOOKLIST

FINALISTA
DO PRÉMIO GOODREADS
PARA MELHOR ROMANTASY



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789897877971



9 789897 877971 >